

UMA CASA NA SERRA

Não sei se o título mais apropriado para este texto não seria “Uma Casa no Paraíso”. De facto, a beleza do sítio é de tal forma surpreendente e desperta em nós sentimentos tais que precisamos de recorrer a imagens como esta para qualificar uma paisagem que quase descreveríamos como sublime, não fosse a tranquilidade e a paz que aqui se vive.

Este é o “Paraíso Glorioso” de Byron, ou o “Elísio” de Beckford, mas também o lugar que Eça amou e descreveu talvez melhor do que ninguém.

Situada na encosta Norte desta Serra maravilhosa, olhando de frente os seus contrafortes, a casa de que aqui hoje falamos está voltada para a várzea e para o Vale de Colares. Esta quintinha encantadora encontra-se rodeada da vegetação característica desta parte da Serra, mais frondosa e fresca, numa mescla de paisagens fantásticas do Norte, com os ambientes prazenteiros e aromáticos do Sul. Mas não são só a paisagem envolvente e as vistas gloriosas que fazem do local um recanto muito especial da Serra: Quando passamos o portão e entramos no jardim, surpreendemo-nos com a qualidade do arranjo que os seus proprietários aqui criaram.

O jardim reflecte o gosto requintado, discreto, de quem o plantou e mantém com dedicação amorosa. Sendo um jardim português – de espaços diferenciados, como que organizado por compartimentos distintos, com passagens subtis de uns para os outros, – com a sua horta de recreio, as suas árvores de fruto, o tanque, a mata, ... tem também referências de outras paragens, mediterrânicas e facilmente nos transportamos de aqui para a Itália ou para a Provença.

É também uma das características da Serra – a das Quintas com jardins encantadores, com os seus “chalets” e casas solarengas - que, apesar dos atentados paisagísticos / urbanísticos que sofre nas últimas décadas, consegue ainda resistir e retribuir-nos com frescura e uma paisagem tão bela que nos reconcilia com tudo.

É neste cenário, rodeado de musgos, damascos e ciprestes, que se ergue a casa. É uma casa que se foi fazendo ao longo de há já cerca de 20 anos: Começou por uma construção muito simples e pequena e acabou numa casa igualmente simples e um pouco maior.

O projecto de ampliação nasceu de um esboço que o meu colega José Cornélio da Silva fez, no início desta aventura (numa fase das nossas vidas em que partilhámos alguns projectos) e que eu depois desenvolvi com os proprietários, adaptando o conceito inicial, procurando não o desvirtuar, às vicissitudes que foram surgindo ao longo de todo este tempo. E ao fim de cerca de 15 anos de processo camarário – Sim! Leram bem! 15 anos! – cujas peripécias rocambolescas me abstenho de aqui comentar, porque não haveria espaço (Sei de um inglês que já escreveu 2 livros sobre o assunto), lá se conseguiu aprovar o projecto e fazer a obra. Estou certo que as “feridas” que este processo entretanto abriu já começaram a cicatrizar e que em breve já não serão mais do que uma lembrança vaga à qual se sobreporá sempre a certeza de se ter feito um bom trabalho, em parte até exemplar como modelo de intervenção nas Quintas da Serra.

A ampliação da casa nasceu da necessidade que os seus proprietários tinham de arranjar espaço para filhos e outros familiares e amigos que, vivendo fora, aqui também encontram um refúgio reconfortante. Criaram-se então mais dois quartos, com as suas casas de banho, uma cozinha maior – com copa para refeições mais informais – e um estúdio ou “atelier” de pintura para a Dona da Casa.

A relação da casa com o jardim é total, franca, num diálogo constante. A posição de uma janela, a sua forma ou dimensão, nunca surgem ao acaso mas tirando partido da vista para os contrafortes da Serra ou para um recanto mais especial do jardim. A composição arquitectónica conjuga assim este “diálogo” com a paisagem e a inspiração nos modelos tradicionais da região, com fortes referências à obra de Raul Lino, que aqui fez algumas das suas casas mais notáveis e que aqui viveu, numa das mais belas de todas - a “Casa do Cipreste” -, na Vila Velha.

A casa pré-existente, de dois pisos, destaca-se do conjunto da ampliação agora terminada que ocupa um só piso, térreo. Este volume novo “encaixa-se” na encosta de um lado, para se destacar sobre um muro alto, do outro, sobre o patamar inferior, do jardim de buxo, acentuando a axialidade dos seus caminhos e passagens, de geometria muito regular, sobrepondo-se mesmo a um dos caminhos encostados ao muro, formando como que um pequeno “torreão”, sob cujos arcos se pode descansar no fresco da sombra, desfrutando das vistas.

Sendo de composição diferente, as duas casas parecem uma só. E isso deve-se ao facto de terem por base uma tipologia tradicional e aos materiais de revestimento – os rebocos manchados de ocre, as telhas de canudo, velhas, a côr dos caixilhos e o jardim, que tudo une.

No interior a decoração reflecte, tal como no jardim, um gosto requintado, discreto e “descontraído”, com detalhes muito subtis, numa simplicidade que resulta de anos de experiência dos Donos da Casa nestas matérias.

A côr é fantástica, luminosa e aconchegante, compensando as agruras de alguns dias mais duramente invernosos.

Todo o conjunto resulta assim numa harmonia muito feliz. Apetece dizer, salvaguardando as devidas proporções, como Brenda Cook sempre que recordava Monserrate: “Sinto uma afinidade (...) e especialmente o doce sentimento de paz e tranquilidade que se encontra neste jardim mágico”.

José Baganha
Arquitecto